

MERIDIONALISMO GEOPOLÍTICO E A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Felipe Akama

felipeakama@gmail.com

Prof^a. Me. Paula Rodrigues Granato

paula.granato@fatec.sp.gov.br

Fatec Itapetininga – SP

RESUMO: Diante atual da crise em que o Brasil se encontra, com queda do Produto Interno Bruto (PIB) e reduzida participação no comércio global, o objetivo deste artigo é apresentar a teoria meridionalista de André Martin como proposta para unir o País em torno de um projeto nacional. Utilizando como metodologia a revisão bibliográfica de artigos sobre o meridionalismo geopolítico e palestras do autor sobre o tema, comentam-se as duas principais geoideologias da atualidade, o Atlantismo e o Eurasianismo, e se apresenta outra geoideologia: o Meridionalismo. Esta teoria coloca o Brasil como líder do hemisfério Sul, a potência responsável por impedir a recolonização do Sul pelo Norte, o que implica forte investimento em defesa e tecnologia. A partir desta proposta seria possível estabelecer um novo espaço diplomático no qual o Brasil exerceria liderança e criaria parcerias estratégicas com outras potências meridionais, com o intuito de desenvolver tecnologias intermediárias que ampliariam a capacidade comercial do País, agregando valor à produção nacional e criando condições de desenvolvimento independente para as nações do Sul.

Palavras-chave: Geoideologias. Parcerias Sul-Sul. Política externa brasileira.

ABSTRACT: In view of the ongoing crisis in Brazil, where GDP is declining and participation in world trade is almost negligible, the objective of this article is to present the Meridionalist theory of André Martin as a proposal to unite the country around a national project. Through bibliographic review of specialized articles about the subject and lectures of the author, the two main geoideologies, Atlanticism and Eurasianism, are characterized. Subsequently, Meridionalism is presented as an option for integration of the Southern Hemisphere. It places Brazil as the leader of the hemisphere, as the power responsible for deterring the recolonization of the South by the North, an endeavor which demands strong investment in defense and technology. If implemented, the theory would make possible for Brazil to exert leadership in a renewed diplomatic sphere where strategic partnerships with other meridional powers would lead to the development of intermediary technologies. These would improve the country's trade capacity, adding value to national production and inducing independent development and integration of Southern nations.

Keywords: Brazilian foreign policy. Geoideologies. South-South partnerships.

1 INTRODUÇÃO

Quando se analisa a posição do Brasil em relação ao mercado externo, observa-se que apesar de o Produto Interno Bruto (PIB) estar ainda entre os dez maiores do mundo (FMI, 2016), a participação do País no comércio internacional é pouco significativa. Uma das saídas apontadas para solucionar o problema é a participação em acordos de livre comércio com Estados Unidos e União Europeia. Analistas comentam, com preocupação, o que acreditam que é o isolamento do Brasil, que tem participação limitada em acordos comerciais. A sugestão seria a busca decidida e negociação constante para a participação em acordos bilaterais, plurilaterais e multilaterais.

A conjuntura costuma ser observada a partir da perspectiva comercial, mas raramente se analisam questões geopolíticas para a inserção do Brasil no comércio e no cenário internacional como um todo. Nota-se, entretanto, que países de maior poder político no sistema internacional são também os que têm maior participação comercial. A hipótese levantada neste artigo é de que para alcançar um patamar mais elevado de participação no comércio internacional e melhores condições em negociações internacionais, é necessário que se utilizem estratégias de ampliação do poder nacional, ferramentas que podem ser oferecidas pela geopolítica.

Neste contexto, o objetivo do artigo é apresentar a teoria meridionalista do Professor André Roberto Martin, do

departamento de geografia da Universidade de São Paulo (USP), que apresenta proposta de ideologia para que o Brasil exerça a liderança necessária não apenas ao País, mas a todo o Hemisfério Sul. Oferece, assim, aquela que pode ser considerada a terceira teoria geopolítica contemporânea, um modelo explicativo das opções e limitações dos países do Hemisfério Sul no atual cenário internacional. (ALBUQUERQUE, 2014).

A partir desta teoria, podem-se vislumbrar as possibilidades do Brasil e do Hemisfério Sul em relação ao mercado internacional e combinar questões de defesa e soberania com expansão comercial. Por meio de revisão bibliográfica de artigos sobre o meridionalismo geopolítico e vídeos de palestras e aulas de André Martin, o presente artigo comenta as duas geoideologias predominantes no mundo atual, o Atlantismo e o Eurasianismo. O meridionalismo geopolítico é apresentado em seguida como proposta de utilização da geopolítica como instrumento eficaz para a construção de poder para o Brasil no sistema internacional.

2 METODOLOGIA

A pesquisa teve início a partir de discussões nas aulas de geopolítica e comércio internacional, disciplina ministrada no sexto ciclo do curso de tecnologia em comércio exterior da Fatec Itapetininga. Diante da complicada situação da participação do Brasil no comércio internacional, a teoria de André Martin sobressaiu como alternativa interessante para uma pesquisa mais aprofundada.

De acordo com a classificação de Vergara (2007), a pesquisa, quanto aos fins, é exploratória e quanto aos meios, bibliográfica. Há poucos artigos sobre o meridionalismo geopolítico, de autoria de Edu Silvestre Albuquerque e Dídimo Matos. Embora se encontrem vídeos de palestras e aulas do autor estudado, há sobre o tema apenas um texto de sua autoria, parte de um livro publicado em 1997.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A GEOPOLÍTICA NO BRASIL

A geopolítica brasileira vem de um certo tempo de “dormência”, após dois grandes geopolíticos brasileiros que tiveram destaque durante o período da ditadura militar no Brasil: Carlos de Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva.

O general Carlos de Meira Mattos defendia uma aliança entre as marinhas da Argentina, Brasil e África do Sul, ao lado da OTAN, na Organização do Tratado do Atlântico Sul (OTAS). Esperava realizar o projeto do Brasil-potência até o ano 2000. (ALBUQUERQUE, 2014).

Um segundo geopolítico de grande influência foi Golbery do Couto e Silva, que argumentava que caberia ao Brasil assumir as funções dos Estados Unidos na defesa do Atlântico Sul contra as ameaças do comunismo soviético, bem como defender os interesses de Portugal na África lusófona para deter a “infecção do comunismo” (PENHA, 2011 apud ALBUQUERQUE, 2014).

Apesar das graves violações aos direitos humanos e agravamento de problemas de desigualdade social durante o regime militar, a produção nacional desenvolveu-se como nunca. No início da ditadura o PIB brasileiro ocupava o 48º lugar no ranking mundial; na década de 1980 a produção interna crescera a ponto de colocar o Brasil na 7ª posição, cumprindo o projeto dos militares de transformar o País em grande potência. Havia um projeto geopolítico para o Brasil. Fracassou em diversos pontos, mas alcançou objetivos que os próprios brasileiros não acreditavam ser possível.

Após esse período, o Brasil não teve mais uma diretriz definida e modernizada para a nova fase democrática. A partir da década de 1990, desprezou-se o projeto nacional de desenvolvimento para buscar inserir o País na globalização neoliberal por meio da abertura de mercado e da privatização de empresas estatais. (CERVO, 1997). Atualmente, diz-se que o Brasil se encontra em posição de isolamento no comércio internacional (THORSTENSEN; FERRAZ, 2014). Ao se observar, entretanto, o fluxo das trocas de mercadorias ao redor do globo e a distribuição das cadeias globais de valor, o que se percebe é que todo o hemisfério Sul estaria em tal isolamento. As trocas comerciais são realizadas principalmente entre Estados Unidos, União Europeia e leste asiático, com destaque para China e Japão.

Os demais países, particularmente no hemisfério Sul, podem se considerar como marginalizados.

Diante de tal situação, a firma de acordos de livre comércio pode não ser a panaceia que analistas enxergam, a solução para os problemas nacionais. Seria necessário, para tanto, um projeto nacional, um projeto de poder. Todo país que deseja alcançar posição de liderança e força no sistema internacional precisa de ideologia, uma ideologia que funcione não apenas localmente, mas que seja atraente para o conjunto de países com interesses semelhantes. (MARTIN, 2012)

3.2 ATLANTISMO E EURASIANISMO: AS DUAS GEOIDEOLOGIAS

Há diversos significados e usos para a palavra ideologia, que neste artigo é considerada em seu “sentido fraco”, neutro, como um “conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos” (STOPPINO, 1995, p.585). Uma geoideologia seria esse conjunto de ideias e valores políticos ligados à superfície terrestre, de acordo com a posição geográfica da potência que busca exercê-la e do conjunto de países que a segue.

O Atlantismo, também conhecido como Ocidentalismo, molda o atual sistema internacional e a globalização liberal. Representa os valores do individualismo, do consumismo, da paz pelo comércio. Desde que a Inglaterra desenvolveu seu poder por meio do domínio dos mares e a partir de uma rede de colônias estabelecidas em todo o

globo, o Atlantismo firmou-se como geoideologia dominante. (MARTIN, 2012).

O domínio britânico foi substituído pelo poderio dos Estados Unidos, que continua liderando as nações estrategicamente posicionadas no Atlântico Norte, particularmente países da Europa Ocidental, Canadá e os próprios Estados Unidos. A potência atlântica vem mantendo, juntamente com seus valores, a livre navegação em águas internacionais por meio de cooperação e presença militar em pontos estratégicos. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), também é materialização da geoideologia atlantista e busca proteger seus valores.

A outra geoideologia, o Eurasianismo, tem o seu poder baseado no território. Segundo Matos (2016), o eurasianismo pretende ser uma alternativa ao modelo de globalização atual. A partir da conjugação de ideias dos geógrafos Halford Mackinder e de Karl Haushofer, apresenta a Eurásia como coração do mundo (*heartland*). O conceito fundamental na obra do geógrafo e membro do parlamento britânico Mackinder aponta para um embate entre o poder terrestre (Rússia) e o poder marítimo (Inglaterra). No artigo O Pivô Geográfico da História, de 1904, o geopolítico britânico identificou uma área de 23 milhões de quilômetros quadrados entre a Europa e a Ásia, privilegiada porque contava com profundidade territorial para defender-se de ataques marítimos, vasta planície propícia para a agricultura, além de abundância de recursos que poderiam ser utilizados para a indústria. Afirmou que o país ou aliança capaz

de transformar tais riquezas em poder econômico e militar, dominaria o mundo. Aponta a Rússia como a grande ameaça à civilização europeia e seus valores atlantistas. (ROCHA; ALBUQUERQUE, 2014).

O eurasianismo, segundo Martin (2012), é a única ideologia que se opõe atualmente ao atlantismo. É mais nacionalista e belicosa, mais autoritária e coletivista, em contraposição à defesa da liberdade, da democracia, do individualismo e da paz pelo comércio. É uma ideologia expansionista, que busca exercer seu poder sobre países vizinhos e outros do Hemisfério Sul. É possível observar o embate das geoideologias na expansão da União Europeia em direção às nações do leste europeu, e da ativa participação da Rússia na política interna de seus vizinhos, como a Geórgia e a Ucrânia, país que inclusive perdeu parte de seu território, a península da Crimeia, para o expansionismo russo.

3.3. O MERIDIONALISMO GEOPOLÍTICO

Diante de geoideologias que marginalizam os países do Hemisfério Sul, o Meridionalismo é elaborado como opção para o Brasil e para os países do Sul, os quais não se encaixam em nenhuma das duas geopolíticas, nem no sentido geográfico, nem no sentido ideológico.

Referindo-se às potências setentrionais, Estados Unidos, União Europeia, Rússia, China e Japão, André Martin explica:

Esta situação, na qual ao Norte cintilam cinco estrelas, de diversa intensidade, mas cada uma com sua luz própria, e no

Sul, ao contrário, dispõe-se uma vasta zona cinzenta, em que um conjunto de satélites ou planetas é apenas capaz de refletir a luz que emana do Norte, torna o hemisfério meridional um imenso campo de manobra para o estabelecimento de “zonas de influência” dos detentores do poder mundial. É precisamente essa fragilidade, que não é exclusivamente econômica ou militar, mas sobretudo política e diplomática, que caracteriza, segundo nossa concepção, a condição de “meridionalidade”. Ela incide, preferencialmente, no âmbito da política, isto é, das relações de poder. (MARTIN, 1997, p.113)

Em uma realidade na qual todas as potências estão concentradas no Norte, militarmente e monetariamente, a geoideologia do professor André Martin propõe a união dos países do Sul, com suas semelhanças e forças. Com essas semelhanças, encontramos como parceiros estratégicos as potências meridionais: Índia e África do Sul (os quais já compõem os BRICS) e Austrália.

Estas potências reúnem características continentais semelhantes, sendo economias agrícolas e extrativistas, e marítimas, países com potencial de desenvolvimento simultâneo das capacidades terrestres e marítimas. Estes países, entretanto, raramente observam o que têm em comum. Costuma-se olhar mais para o Norte e seguir as ideologias propostas pelas potências dominantes. Os países do Sul têm outras semelhanças importantes, como a falta de representação permanente no Conselho de Segurança da ONU (posição que o Brasil sempre almejou); o subdesenvolvimento de linhas ferroviárias; o inferior poderio militar.

Uma característica importante do meridionalismo é situar a Austrália no Sul, já

que em termos de poder mundial, o país não tem capacidade de influência. Um exemplo desta debilidade pode ser apontado por seus protestos com relação aos testes nucleares executados pela França no Atol de Mururoa, no Oceano Pacífico. Suas reclamações foram desconsideradas, pois embora seja país de alto padrão de vida, não tem poder militar e diplomático suficiente para persuadir os franceses a suspender os testes (os quais duraram 30 anos). (MATOS, 2015).

A figura 1 mostra o mapa do meridionalismo geopolítico segundo André

Martin, cuja projeção procura aproximar os países do hemisfério Sul. As potências marcadas em verde são as de maior influência no mundo meridional, enquanto as linhas da mesma cor apontam as possibilidades de projeção geopolítica brasileira.

Figura 1 – Mapa Mundi segundo a projeção Meridionalista.



Fonte: ALBUQUERQUE

Como explica Dídimo Matos (2015), o meridionalismo pretende pensar o Brasil como um novo “jogador” no cenário internacional, e para isso prevê ações Sul-Sul em um sentido político. O meridionalismo envolve a defesa nacional e de todo o hemisfério. André Martin afirma que a defesa pelo mar é mais fácil do que a defesa pela terra (que é o caso da Eurásia). O Brasil, por suas potencialidades, tem condições de se apresentar como o país que defenderá o Sul da recolonização pelo Norte. Para isso, é de extrema importância o investimento na Marinha brasileira.

Ao unir o País em torno de uma ideia de liderança de todo o hemisfério Sul e criar um discurso de cooperação entre as nações do hemisfério, seria possível estabelecer um rumo do qual o Brasil carece. O meridionalismo criaria um “espaço diplomático para uma hegemonia benevolente brasileira”. (ALBUQUERQUE, 2014, p.11). A partir desta geoideologia, seriam criadas as condições para parcerias estratégicas centradas no desenvolvimento das tecnologias intermediárias. Tais tecnologias solucionam problemas compartilhados pelas nações meridionais, que poderiam, por exemplo, sanar as deficiências das redes ferroviárias com trens de velocidades médias, de menor custo, ou aproveitar a riqueza em biodiversidade para a pesquisa e desenvolvimento de produtos químicos e farmacêuticos.

A multiplicação de parcerias em áreas tecnológicas ampliaria o número de produtos com maior valor agregado na pauta brasileira

de exportações. Países industrializados têm interesse reduzido em tecnologias intermediárias que o Brasil possa desenvolver. Países de menor desenvolvimento, em compensação, terão interesse em tecnologias mais baratas que possam solucionar problemas a um custo mais baixo. Com a intensificação de comércio com países de níveis econômicos e de desenvolvimento similares, o Brasil terá maiores condições de exportar seus produtos manufaturados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A firma de acordos de livre comércio, por si só, não soluciona problemas nacionais de falta de desenvolvimento tecnológico, queda do PIB ou problemas de infraestrutura. O meridionalismo apresenta um rumo para a política externa brasileira. Define um objetivo claro de liderança no hemisfério Sul, enquanto oferece soluções para graves problemas nacionais. O investimento em defesa, particularmente na Marinha, contribuiria para o treinamento das forças armadas e impulso ao desenvolvimento de tecnologia na área militar. O discurso de proteção a outros países contribuiria para a afirmação do poder brasileiro, que se aprofundaria por meio de parcerias estratégicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre. A teoria geopolítica meridionalista de André Martin.

Revista de Geopolítica, v. 5, nº 2, p. 5-18, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/106>> Acesso em 18 ago. 2017.

CERVO, Amado Luiz. Política de comércio exterior e desenvolvimento: a experiência brasileira. **Revista Brasileira de Política Internacional**. v.40, n.2, Brasília, jul./dez. 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73291997000200001>>. Acesso em 18 ago. 2017

FMI. Fundo Monetário Internacional. World Economic Outlook 2016. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2016/01/>> Acesso em 18 ago. 2017.

MATOS, Dídimo. **Eurasianismo e Meridionalismo, geopolítica e defesa**. 2016. 14p. Notas de aula. Disponível em:

_____. Meridionalismo. Vídeo. 2015. (18 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EZ1TXkMIWMc>> Acesso em 18 ago. 2017.

MARTIN, André Roberto. O meridionalismo geopolítico. Vídeo. Brasília: Congresso Nacional, 2012. (39 min.), son., color. Palestra no Seminário de Estratégia de Defesa Nacional. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-oABdxQGLG0>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

_____. Qual é nosso “Bloco”? O Brasil procura seu lugar no mundo. In: SCARLATO, Francisco Capuano et al. **O novo mapa do mundo. Globalização e espaço latino-americano**. 3ª ed. Ed. Hucitec. São Paulo, 1997.

ROCHA, Dyego Freitas; ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. Revisitando o conceito de *Heartland* na política de contenção ocidental do século XXI. **Revista de Geopolítica**, Natal, v. 5, nº 1, p. 1-14, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.p>

[hp/revistageopolitica/issue/view/9](http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/issue/view/9)>. Acesso em 18 ago. 2017.

STOPPINO, Mario. Ideologia. p.585-597. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB. 1995.

THORSTENSEN, Vera; FERRAZ, Lucas. Brasil: entre acordos e mega acordos comerciais. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**. n.120. Jul./set. 2014. Disponível em: <http://www.funcex.org.br/publicacoes/rbce/rbce_sobre.asp> Acesso em 18 ago. 2017

VERGARA, Sylvia Constant. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2007